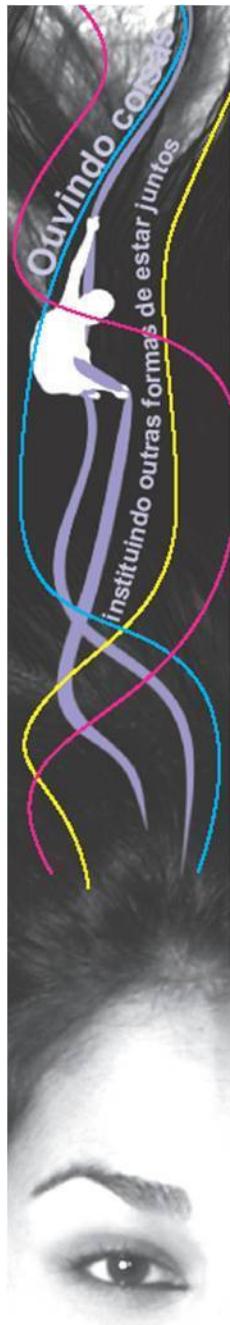


I ENCONTRO OUVINDO COISAS: INSTITUINDO OUTRAS FORMAS DE ESTAR JUNTOS

23 e 24 de setembro de 2010
Universidade Federal de Santa Maria
ISBN: 978-85-61128-14-2



EIXO: IMAGINÁRIO E SAÚDE

PROMOÇÃO EM SAÚDE MENTAL: RESSIGNIFICANDO OS VALORES DE SI E O AUTO-(RE)CONHECIMENTO COM ESTUDANTES DE ESCOLA PÚBLICA	2
PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES REFERENTES AO USO DE AGROTÓXICOS POR TRABALHADORES RURAIS DA REGIÃO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL.....	7
AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS GRUPAIS COMO ELEMENTOS DE FORMAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR: REVISÕES NECESSÁRIAS ACERCA DE PROCESSOS COLABORATIVOS E ATIVIDADES GRUPAIS	13
EDUCAÇÃO INCLUSIVA COMO PERSPECTIVA DE SAÚDE.....	20
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ATRAVÉS DE PRÁTICAS EM GRUPOS SOCIAIS	25
TABUS ALIMENTARES EM COMUNIDADES DO MEIO RURAL DO MUNICÍPIO DE IJUÍ – RS	27

PROMOÇÃO EM SAÚDE MENTAL: RESSIGNIFICANDO OS VALORES DE SI E O AUTO-(RE)CONHECIMENTO COM ESTUDANTES DE ESCOLA PÚBLICA

Elisandra Plate da Fontoura¹

Paula Bianchi²

UNIPAMPA Campus Uruguaiana

INTRODUÇÃO

A experiência apresentada neste texto, tem como objetivo ressignificar valores sócio-culturais instituídos sobre alunos de uma escola pública municipal de Uruguaiana, por meio de ações colaborativas em educação e saúde.

A proposta, de caráter extensionista ocorre na Escola Municipal de Ensino Fundamental Moacir Ramos Martins, situada no bairro União das Vilas, município de Uruguaiana/ RS, próximo ao Posto 7 – Programa de Saúde da Família, onde os cursos de Enfermagem e Fisioterapia da Universidade Federal do Pampa realizam parte das suas práticas de ensino. Caracterizando um pouco mais o local onde se insere a escola, o bairro está localizado na periferia da cidade de Uruguaiana, surgiu há 25 anos, a partir de loteamentos criados pela prefeitura municipal para receber a população ribeirinha ao Rio Uruguai após ocorrer uma grande enchente na cidade. O bairro iniciou pelos loteamentos Promorar e Proficar, que foram sucedidas pelas Áreas Verdes e Vila Cristal. Atualmente, possui uma população de aproximadamente 10 mil pessoas. Destacamos que esta é uma comunidade que vive situações extremas de vulnerabilidades e com altos percentuais de evasão escolar, assim pretendemos a partir das ações propostas desenvolver atividades que contribuam para que os estudantes participantes do projeto percebam-se como sujeitos críticos e atuantes na sociedade, resgatando valores e assim, elaborar a resiliência (YUNES, 2003 p. 76) e autonomia nestes sujeitos.

Metodologicamente, trata-se de uma proposta de extensão de caráter qualitativo, que utiliza como recursos metodológicos os relatos de experiência e anotações em diário de campo. Num primeiro momento, o projeto foi organizado da seguinte forma:

¹ Acadêmica do 4º Semestre Fisioterapia, Bolsista PBDA (UNIPAMPA- Campus Uruguaiana).

² Docente do Curso de Licenciatura Educação Física

concentrava suas ações através de pequenos grupos de alunos, selecionados por apresentarem problemas na adequação de conduta, dificuldades de aprendizagem, agressividade e risco de evasão escolar. Estes alunos, em sua maioria, recebiam algum tipo de estigma dentro da escola, sendo considerados *alunos-problema*. Na fase atual, ao percebermos que os problemas vividos ali são comuns a maioria dos estudantes e se referem majoritariamente ao contexto social em que estão inseridos, propusemos algumas mudanças no projeto, realizando encontros regulares com as quatro turmas de oitavas séries da escola, ampliando assim o número de participantes da proposta.

Inicialmente, partimos da hipótese de que problemas ligados a baixa auto-estima e agressividade na escola fazia parte a alguns casos específicos e em número reduzido, no entanto com o início das práticas na escola e no convívio com os adolescentes fomos compreendendo que estes são aspectos comuns aos alunos da escola, se manifestando entre eles em modos e níveis diferentes e, portanto importantes de serem discutidos com o coletivo de alunos. Ao acreditar que nossas ações são partes do contexto e circunstâncias de vida aos quais estamos inseridos, observamos que as manifestações do alunos fazem parte do imaginário social vivido nesta comunidade. Conforme aponta Castoriadis (2007, p.135) ao dizer que, “nunca uma sociedade será totalmente transparente, primeiro porque os indivíduos que a compõe nunca serão transparentes a si mesmo, já que não é possível eliminar o inconsciente”. Além disso, pensávamos que tais alunos não apresentavam perspectivas de futuro, uma vez que suas perspectivas estão embasadas na representação de familiares e amigos. Também, foi possível perceber por meio dos relatos orais dos participantes que alguns professores da escola reforçam a agressividade e hostilidade, sem promover mediações culturais no ambiente escolar.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Iniciamos com trabalhos de jogo teatral, expressão corporal, atividades lúdicas, recorte e colagem, exibições de filmes e rodas de conversas, sempre abordados criticamente, como formas de promover a autonomia dos sujeitos participantes, pensando que “a autonomia não é a eliminação pura e simples do discurso do outro, e sim elaboração desse discurso” (CASTORIADIS, 2007 p. 129). As atividades são planejadas de acordo com a temática a ser tratada em cada encontro, mantendo uma linearidade nas ações e concepção das mesmas, tendo como eixos norteadores do trabalho a aquisição

e/ou resgate da resiliência e da autonomia. Segundo Yunes citando Rutter, “o termo resiliência refere-se ao fenômeno de superação de estresse e adversidades” (1999 p. 119), ainda afirma, que “resiliência não constitui uma característica ou traço individual” (1999 p. 135), é móvel e não significa que o sujeito saia ileso.

Tendo como meta a reflexão e a busca da autonomia, o desenvolvimento da resiliência, que permitiria a estes indivíduos a busca de novas perspectivas de felicidade, o que implica serem saudáveis mentalmente, “Aquilo que é normal, apesar de ser normativo em determinadas condições, pode se tornar patológico em outra situação, se permanecer inalterado” (CANGUILHEM, 2007 p. 135). Além disso, o autor complementa dizendo, que “O individuo é que avalia essa transformação porque é ele que sofre suas consequências, no próprio momento em que se sente incapaz de realizar as tarefas que a nova situação lhe impõe” (2007 p. 135). Assim sendo, a autonomia não pode ser confundida com a transgressão simples, já que tal transgressão está ligada a heteronomia, transgressão essa que é motivada pelo encontro com o outro que agride pela própria presença.

Tendo em vista que muitas crianças crescem e se desenvolve em situações prejudiciais a saúde mental, contornar algumas adversidades e buscar melhores condições de viver, para os alunos não é uma tarefa muito simples. Pois, para nós, também como, sujeitos da pesquisa, entender o que ocorre nesta comunidade escolar, por fim neste núcleo sócio-histórico-cultural, passou a ser uma tarefa de elaboração dos nossos valores como sujeito e pesquisadores ou extensionistas. Já que se trata de uma realidade distinta, peculiar e única, não fazendo parte do normativo ideal-social (CANGUILHEM, 2007) ou do imaginário social instituído (CASTORIADIS, 2007). Assim, antes de apresentar resultados, oriundos de uma prática universitária devemos ressignificar nossas próprias ações, para que depois possamos auxiliar na elaboração da consciência-crítica e libertadora, enfim para que possam se libertar das condições que os limitam sejam elas quais forem. Para que os alunos possam buscar formas de entender o impossível, ao invés de buscar através da agressão ou do contrário à passividade, que é introjetado pelo sujeito (de)formando-o ou (trans)formando-o.

Não nos utilizamos deste espaço para levar a verdade acadêmica, tão pouco dizer o que é adequado ou não, em suas condutas escolares. Percebemos, que tais condutas eram uma forma de positivação das condutas violentas como maneira de adaptação ao

ambiente hostil e se utilizam disto para afirmação de sua popularidade dentro da escola. Na busca desta ressignificação não pretendemos dizer aqui que o outro lado é que está correto, mas sim, despertar reflexões críticas para que possam chegar a decisões com consciência de suas escolhas e seus atos. A pergunta então gira sobre o tema, será que existe outra forma de lidar com determinado problema? Esta conduta está adequada ao que penso de mim mesmo? Ou apenas ao que o outro pensa de mim?

Dentro das atividades propostas alguns aspectos relevantes que verificamos foi à dificuldade da atenção concentrada, o toque físico principalmente entre os meninos, desinteresse de alguns em determinadas atividades, hesitação de alguns em participar. Por outro lado percebemos um envolvimento maior com o passar dos encontros, abrindo um espaço ao qual esperávamos que fosse criar uma relação de sujeito/sujeito e não sujeito(ados)/autoridade ao qual estão acostumados. Tornando-se assim, um espaço de escuta e acolhimento quando relatam suas experiências.

As atividades foram realizadas no mesmo turno das aulas, através de um cronograma os professores se dispuseram a doar um período para a realização das mesmas. Iniciamos com a proposta de que descrevessem suas características num papel, após os recolhemos, misturando e redistribuímos. Pedimos então, que os alunos, um por vez, lesse e adivinhasse quem era o dono do papel, segundo as descrições. Após algumas tentativas toda turma poderia auxiliar o colega, com a intenção de instigar a percepção do próprio corpo e questionar: como sou visto pelos colegas?

Na outra semana continuamos a mesma proposta, porém, deveriam fazer o contrário, através do desenho, descrever os colegas contornando-os a partir de suas percepções, o formato do corpo com giz no papel pardo e suas definições (cabelos, olhos, boca, roupas). Levantamos a seguinte discussão de como são vistos e interpretados pelos colegas ou por outras pessoas de seu convívio?

Comparamos as atividades e seguimos trabalhando a fim de ressignificar percepções que fazem a seu respeito, que venham ser causadoras de baixa auto-estima, depressão e negação de si mesmo colaborando para desequilíbrios em sua saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que a proposta por meio de ações colaborativas desenvolvidas tem

contribuído na produção de novos conhecimentos, bem como na ressignificação dos conhecimentos existentes por parte dos alunos participantes. Assim, entendendo que neste projeto o contato com os alunos pode nos proporcionar (auto)-formação voltada para comunidade e inserção em seus problemas efetivos. Ao promover atividades que proporcionem, aos alunos, a reflexão de suas realidades, buscamos uma possível transformação desta, utilizando-se da autonomia e da resiliência para superar as ameaças que estão sujeitos devido as limitações da efetivação de suas oportunidades de acesso e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade.** 6^a ed. Paz e Terra: São Paulo, 2007.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico.** 6^a ed. Forense Universitária, São Paulo, 2007.

YUNES, Maria Angela Mattar. **Psicologia positiva e Resiliência: O Foco no Individuo e na Família.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf>. Acesso em: 17 Ago 2010. Horário 18h

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES REFERENTES AO USO DE AGROTÓXICOS POR TRABALHADORES RURAIS DA REGIÃO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Liamara Denise Ubessi¹,
STUMM, Eniva Miladi Fernandes²

INTRODUÇÃO

Agrotóxicos são compostos químicos utilizados há mais de dois mil anos por agricultores no combate a pragas e doenças que afetam a produção de cereais, hortaliças, frutas, dentre outros, também conhecidos como insumos. Ao longo dos tempos, integraram a formulação dos mesmos, substâncias como enxofre, arsênico, mercúrio, chumbo, sulfato de nicotina, DDT, e outras da família dos organoclorados e organofosforados, muitas delas, proibidas por serem prejudiciais à saúde humana e ao meio ambiente (BRASIL, 2006a).

O Brasil está entre os maiores consumidores mundiais de agrotóxicos (ANVISA, 2006). Esse dado está relacionado ao predomínio da monocultura da soja (BRASIL, 2008b). O uso de agrotóxicos responde a lógica de capital, produtividade, rentabilidade e lucratividade e acentua a desigualdade social, interferindo na qualidade de vida das pessoas e, consequentemente, nos determinantes de saúde e doença.

No agronegócio se destaca o uso destas substâncias, que por sua vez, restringem as possibilidades da agricultura familiar se desenvolver, impelindo os agricultores nestas condições, a migrarem do campo para as cidades (BRASIL, 2008b), criando mais um problema sócio-ambiental, que é a massificação nas favelas, corroborando ao que menciona o agrônomo e ecologista brasileiro Lutzenberger (2001), quando afirma que marginalização, desestruturação social, devastação ambiental e perda da biodiversidade natural agravam inclusive o problema da fome em âmbito mundial.

O uso de agrotóxicos por trabalhadores rurais tem despertado atenção de pesquisadores, estudantes e profissionais da saúde devido ao aumento de casos de

¹ Psicóloga, estudante de Enfermagem, mestrandona em Educação nas Ciências pela Unijuí, voluntária na atividade de pesquisa. liamaradenise@hotmail.com

² Enfermeira, Mestre em Administração pela UFRGS, docente da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, coordenadora da pesquisa, orientadora.



intoxicação, de estudos indicativos de co-relação entre uso de agrotóxicos e desenvolvimento de câncer, mal-formações congênitas, dentre outros (JOBIM, 2010). Considera-se importante, nesse contexto, a educação dos trabalhadores rurais direcionada ao auto-cuidado, com ênfase no uso de equipamentos de proteção individual-EPI (STUMM et al, 2010).

A exposição aos agrotóxicos é um problema de saúde pública (OMS, 1990) que, por sua vez, assinala a necessidade dos profissionais da saúde desenvolverem mecanismos para intervir nesta realidade, com base nos riscos do uso de agrotóxicos à saúde e à vida humana, principalmente no meio rural, local em que a exposição tende a ser maior. Nesse sentido, as práticas educativas em saúde são importantes, considerando que, de acordo com a representação simbólica que o indivíduo tem da realidade, como a interpreta, na qual tenta apreender o mundo que o circunda para com ele e nele poder se relacionar, é que vai determinar o auto-cuidado e o cuidado ao meio ambiente (GARDNER, 1995).

Considerando o exposto, este estudo tem como objetivo *apreender percepções de estudantes em uma atividade de pesquisa, referentes ao uso de agrotóxicos por trabalhadores rurais da região noroeste colonial do Rio Grande do Sul.*

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um relato de experiência, vinculado a atuação das estudantes na pesquisa “Análise do conhecimento e cuidados de trabalhadores rurais referente à utilização de agrotóxicos na região Noroeste/RS”, coordenada por docente da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí e Universidade Federal de Santa Maria – UFSM em parceria com o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador – Cerest da 17^a região de saúde deste estado. Na respectiva pesquisa foram realizadas entrevistas com 441 agricultores de 32 municípios que integram a Região Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul, que utilizam agrotóxicos nas lavouras, no período de 2008-2009. As entrevistas se constituíram em momentos de diálogo com os trabalhadores, de forma interativa, dialógica e problematizadora, com ênfase no uso de agrotóxicos e, principalmente, na necessidade de uso dos equipamentos de proteção individual (EPIs).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A atuação das estudantes junto aos agricultores que integraram a pesquisa resultou na estruturação de uma categoria analítica, apresentada e discutida a seguir: **A Interação de estudantes com trabalhadores rurais que usam agrotóxicos.**

Os encontros com trabalhadores rurais, associados ao aporte teórico e resultados obtidos com a pesquisa na qual estamos inseridas, nos permitiu evidenciar que a relação dos trabalhadores com os agrotóxicos é mediada por representações simbólicas, incluindo o uso de equipamentos de proteção individual, a relação do agrotóxico com a saúde, o meio-ambiente, interferências na qualidade de vida e o agrotóxico como condição para a sustentabilidade.

Isso se confirma ao observar que os agrotóxicos são considerados substâncias que eliminam as pragas que interferem na produtividade, mas que não é relacionada ao aumento da suscetibilidade das plantas, devido ao uso destas substâncias. Há o reconhecimento de que estes insumos agrícolas são tóxicos à saúde e ao meio-ambiente, mas, aparecem como um problema externo à atividade desenvolvida pelos agricultores. Ademais, mesmo cientes destes possíveis malefícios, não há co-relação de doenças que podem ter sido ocasionadas por efeito acumulativo dos agrotóxicos, apenas, há correlação da sintomatologia em casos de intoxicação.

Evidencia-se que o uso de equipamentos de proteção individual é importante, mas que os agricultores pesquisados destacam que atrapalha o processo de trabalho, devido ao tempo que se despende para colocá-los. Também, observa-se que o uso de agrotóxicos está relacionado à sustentabilidade e não ao seu revés - acirramento de problemas sociais.

O sujeito vai representando o mundo, simbolizando, a partir da compreensão e dos elementos de interpretação que possui. Assim, a interpretação pode ocorrer da materialidade e imaterialidade das coisas, entretanto, estando em uma época em que a virtualidade e a materialidade estão muito presentes, visíveis, notáveis e até tocáveis, dificulta a percepção do não visível (do intocável e não notável), como é o caso da absorção de substâncias presentes nos agrotóxicos pelo organismo humano, direta ou indiretamente, incluindo o consumo de alimentos, o manuseio de agrotóxicos, que tendem, por efeito acumulativo,

causar danos severos à saúde, muitas vezes, irreparáveis e interferir na qualidade de vida das pessoas e no meio ambiente.

Para Gadamer (2002, p. 13), “a compreensão implica sempre uma pré-compreensão, que por sua vez, é prefigurada por uma tradição determinada que vive o intérprete e que modela os seus preconceitos”, o humano comprehende por existir, enquanto ser de linguagem e, deste modo, é histórico. A estadia na linguagem lhe habilita para uma pré-compreensão das coisas, notadamente, considerando sua relação com o meio em que vive, a cultura, os aspectos bio-psíquicos, dentre outros, ou seja, de que o humano é portador de conceitos que antecedem, a cada vez, outros e novos conceitos no tráfego pela vida. Através destes pré-conceitos, ele comprehende. Da mesma forma, pode ser por esta compreensão que tem do universo, seu entorno e de si mesmo, que interpretará o mundo da vida.

As percepções no decorrer da relação com os trabalhadores rurais pesquisados vão ao encontro da pré e compreensão que se tem das coisas, ou seja, pela experimentação, interpretação e compreensão de que se darão as representações simbólicas, através das quais eles interagem com o mundo, cuidam ou não de si e cuidam ou não do mundo. Essa compreensão pode ser problematizada e ressignificada pela educação em saúde e produzir novos significados, sentidos e representações, que pautem o cuidado à vida, na sua dimensão de saúde e ambiente, que são unas, ainda que se maqueiem separabilidades.

Nesse contexto considera-se que a educação em saúde pode ser o elemento de ressignificação do visível e do não visível, propiciando ao agricultor outra relação com o uso de agrotóxicos, de forma mais cuidadosa e menos danosa a si e ao meio-ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de agrotóxico por trabalhadores rurais, ao longo dos tempos, constituiu algumas representações simbólicas desta relação. Estas, por sua vez, podem interferir no cuidado de si e do meio-ambiente, direta ou indiretamente, seja pelo manuseio inadequado, pelo consumo de alimentos contaminados, dentre outros.

A educação em saúde, na ressignificação da relação com o uso de agrotóxicos, necessita dialogar com a experiência do trabalhador rural. Esta, como foi vivida, produzida, realizada e problematizada com os trabalhadores, estabelece outras possibilidades de

representações simbólicas, que vão além da informação que recebem, de forma passiva, que não impele a reflexão sobre o uso de agrotóxicos e suas inter-relações com a vida humana e com o meio ambiente.

Enquanto estudantes, sujeitos em formação, avalia-se que participar de atividades de pesquisa como essa, incluindo a interação com os sujeitos pesquisados, favorece e possibilita refletir, com repercussões na formação em saúde e como cidadãos implicados com vida em sua ampla e complexa dimensão.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Programa de análise de resíduos de agrotóxicos em alimentos:** relatório de atividades de 2001–2006. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/toxicologia/residuos/rel_anual_2001–2006.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de ações programáticas e estratégicas. Protocolo de atenção a saúde dos trabalhadores expostos a agrotóxicos. In.: **Diretrizes para atenção integral a saúde do trabalhador de complexidade diferenciada.** Brasília/DF: Ministério da Saúde, 2006a. Disponível em<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_atencao_saude_trab_exp_agrotoxicos.pdf>. Acesso em 10 jan 2010. 27 p.

BRASIL. Ministério de Agricultura e Abastecimento (MAPA). Ministério da Saúde (MS). Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Saúde e agrotóxicos: estratégias e experiências de educação na produção, comercialização e consumo de FLV. **Seminário. Brasília/DF: Ministério da Saúde, 2008b.** Disponível em <<http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/89a26700406a41ca95b5ff137b78f2dc/Mem%C3%B3ria+do+Semin%C3%A1rio.pdf?MOD=AJPERES>>. Acesso 10 jan de 2010.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II:** complementos e índice. Trad. Énio Paulo Giachini. Petrópolis/RJ: Vozes; São Paulo: Universitária São Francisco, 2002.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas:** a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

JOBIM, Paulo Fernandes Costa; NUNES, Luciana Neves; GIUGLIANI, Roberto; CRUZ, Ivana Beatrice Manica da. Existe uma associação entre mortalidade por câncer e uso de agrotóxicos?: Uma contribuição ao debate. **Ciênc. saúde coletiva.** 2010, vol.15, n.1, pp. 277-288. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n1/a33v15n1.pdf>>. Acesso 25 abr 2010.



I ENCONTRO OUVINDO COISAS: INSTITUINDO OUTRAS FORMAS DE ESTAR JUNTOS

23 e 24 de setembro de 2010
Universidade Federal de Santa Maria
ISBN: 978-85-61128-14-2

LUTZENBERGER, José Antonio. **Absurdo da agricultura moderna**. Porto Alegre, 2001. Disponível < <http://www.unicamp.br/fea/ortega/plan-disc/lutzenberger.htm>>. Acesso 10 jan 2010.

STUMM, E. M. F.; LORO, M.M.; KIRSCHNER, R.M.; UBESSI, L.D. et al. Análise do uso de equipamentos de proteção individual por agricultores que utilizam agrotóxicos. RECENF. **Revista Técnico-Científica de Enfermagem**, v. 8, p. 97-100, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Public health impact of pesticides used in agriculture**. Geneva; 1990. Disponível em <<http://whqlibdoc.who.int/publications/1990/9241561394.pdf>>. Acesso 10 jan 2010.



I ENCONTRO OUVINDO COISAS: INSTITUINDO OUTRAS FORMAS DE ESTAR JUNTOS

23 e 24 de setembro de 2010
Universidade Federal de Santa Maria
ISBN: 978-85-61128-14-2

AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS GRUPAIS COMO ELEMENTOS DE FORMAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR: REVISÕES NECESSÁRIAS ACERCA DE PROCESSOS COLABORATIVOS E ATIVIDADES GRUPAIS

Maristel Kasper Grando¹

Vantoir Roberto Brancher²

Resumo: Estudos que tratam a docência como atividade profissional, o ensino planejado a partir da aprendizagem e da didática, as narrativas e saberes docentes, relatos auto-biográficos, entre inúmeros outros, têm sido atualmente o foco de pesquisas no ensino superior. Nesse sentido a pesquisa que ora apresentamos consiste numa pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico na qual analisamos conceitos acerca de processo grupais, bem como suas variações em distintas publicações científicas da área. O trabalho ainda encontra-se em construção, no entanto temos verificado que boa parte deles conclui que os saberes e as aprendizagens produzidas em grupo podem contribuir para uma formação profissional mais consciente do seu papel docente, no sentido de poder transitar com mais segurança nos assuntos que envolvem o campo grupal. Os principais referenciais teórico-metodológicos sobre grupos são da década de 40, o que nos exige novos olhares, interpretações e até mesmo outros sentidos para essas questões na contemporaneidade. É nessa conjuntura que o docente de ensino superior sente necessidade de ferramentas tanto para compreender como para operar em grupo. As formações imaginárias grupais constituem-se um conglomerado de representações imaginárias produzidos em grupo, são processos imaginários que podem ser lidos no transcurso do devir grupal e que falam de sua conformação, possibilidades de

¹ Docente do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. Mestre em Enfermagem - UFRGS. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social – GEPEIS – da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Endereço: Av. Pascoal Gomes Librelotto, 425, Parque Dom Antônio Reis, CEP 97065-290, Santa Maria, RS. Fone: 55-8113.2210. E-mail: maristelgrando@hotmail.com.

² Pedagogo, Especialista em Educação Especial AH/SD, Mestre em Educação, Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação UFSM, professor de cursos de graduação em Pós-Graduação da FISMA-Faculdade Integrada de Santa Maria e de Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UFSM, na Modalidade à distância.

desenvolvimento, de transformação, inscrição e de sua história. Dentre as principais formações imaginárias, destaca-se a rede de identificações cruzadas ou rede transferencial, as ilusões grupais, os mitos do grupo e a instituição como disparadora do imaginário grupal. Já se consegue perceber que a História pessoal tem influenciado a formação profissional do professor (FOSSATI, 2009). Em termos de Brasil se tem investido numa formação em nível de Pós-Graduação, muito mais como formação para a pesquisa, do que para a docência o que faz com que ainda vivamos uma formação docente que Esteves (2010) vai denominar de “Paradigma Tradicional Artesanal” de formação de professores. Ou seja, aprendemos imitando nossos mestres, pela experiência e através de estudo e reflexão individual e, algumas poucas vezes, coletivas. O que passa a indicar a necessidade de revisão dessas políticas e currículos de cursos.

PALAVRAS PRIMEIRAS...

Estudos que tratam a docência como atividade profissional, o ensino planejado a partir da aprendizagem e da didática, as narrativas e saberes docentes, relatos autobiográficos, entre inúmeros outros, têm sido atualmente o foco de pesquisas no ensino superior. Boa parte deles concluem que os saberes e as aprendizagens produzidas em grupo podem contribuir para uma formação profissional mais consciente do seu papel docente, no sentido de poder transitar com mais segurança nos assuntos que envolvem o campo grupal. Dentre esses estudos, destacamos Ciampone (1998), Souto (1999), Lucchese e Barros (2002), Zabalza (2004), Grando, Ferreira, Dallagnol e Olschowsky (2005), Grando (2008) e Oliveira (2008, 2009). Ao fazermos uma incursão na literatura sobre os principais referenciais teórico-metodológicos sobre grupos, encontramos produções a partir de 1940, o que vem nos exigir novos olhares, interpretações e até mesmo outros sentidos para essas questões em nosso atual contexto de mundo e sociedade.

Um dos referenciais que muito acrescentou e ainda permanece como sendo o grande alicerce no estudo de pequenos grupos, é a teoria de Grupo Operativo, introduzida por Enrique Pichon-Rivière, médico, com formação em psiquiatria,

psicanálise e psicologia social. Pichon-Rivière (2005) desenvolveu essa teoria para explicar os fenômenos grupais e demonstrar que um grupo pode ser mobilizado para trabalhar operativamente, de forma que

[...] seus integrantes aprendam a pensar numa co-participação do objeto de conhecimento, entendendo-se que pensamento e conhecimento não são fatos individuais, mas produções sociais. O conjunto de integrantes, como totalidade, aborda as dificuldades que se apresentam em cada momento da tarefa obtendo situações de esclarecimento, mobilizando estruturas estereotipadas que operam como obstáculo para a comunicação e a aprendizagem, e que são geradas como técnica de controle da ansiedade diante da mudança. (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 245)

A teoria pichoniana de grupo operativo estabelece um conjunto de elementos, que o autor chama de fenômenos grupais, que podem ser interpretados e operados pelo coordenador de grupo a fim de que o grupo atinja sua tarefa grupal de forma operativa. Todavia, isso tudo ocorre mediante a aprendizagem. Para o referido autor, o processo percorrido pelos sujeitos para o alcance da tarefa precisa, necessariamente haver aprendizagem. Dentre os principais fenômenos que o autor cita estão, os papéis grupais, as resistências e contra-resistências, as transferências e contra-transferências, os vínculos, a latência grupal, o ECRO (esquema conceitual referencial e operativo), a rede de identificações cruzadas, as ilusões grupais, os mitos do grupo, entre inúmeros outros.

Grande parte desses elementos é constituída a partir de formações imaginárias grupais que podem colaborar para o alcance da tarefa ou para o sentido inverso, paralisando o processo e bloqueando a aprendizagem. O papel do coordenador consiste em compreender quando esses fenômenos estão agindo como estereotipias no campo grupal. Esses elementos podem ser encontrados em maior ou menor grau em todos os grupos, sejam eles, terapêuticos, de convivência, comunitários, até mesmo, nos espaços universitários, com grupos de alunos e de professores. É nessa complexa rede do acontecer grupal que se inscreve um novo saber docente no ensino superior: compreender como ocorrem as formações imaginárias dos grupos os quais integra e saber operar em grupo.

As formações imaginárias grupais, segundo Del Cueto e Fernandes (1985), são um conglomerado de representações imaginárias produzidos em grupo, são processos imaginários que podem ser lidos no transcurso do devir grupal e que falam de sua conformação, possibilidades de desenvolvimento, de transformação, inscrição e de sua história. Dentre as principais formações imaginárias, destaca-se a rede de identificações cruzadas ou rede transferencial, as ilusões grupais, os mitos do grupo e a instituição como disparadora do imaginário grupal.

A rede de identificações cruzadas são formações imaginárias criadas pelo grupo para se relacionar. Muitas dessas identificações são vínculos produzidos a partir de experiências anteriores vividas em outros grupos que podem ser somente reatualizados no tempo presente. Em tudo há transferência, mas nem toda transferência precisa ser assinalada, somente no caso de haver estereótipos.

Já, as ilusões grupais, são representações imaginárias desenvolvidas para o alcance de um desejo do grupo, são projeções que grupo acredita “ser” para poder “alcançar”. Sua presença é considerada natural quando um grupo percorre o sentido da serialidade à grupalidade. Del Cueto (1985, p.45, grifo do autor), explica que uma ilusão grupal

é aquilo que um dado grupo crê que é, crê que pode realizar, todo grupo necessita crer que é o que deseja ser, para poder alcançar seus objetivos, só a partir de uma ilusão obterá a força necessária para alcançá-los, para enfrentar suas adversidades, sustentar suas crenças, etc. por sua vez, esta ilusão criará as condições para chegar a um ‘nós’, desenvolver uma pertença, organizar um código comum.

Os mitos no grupo são formações imaginárias acerca da constituição e origem do grupo. Eles são criados quando os integrantes do grupo passam reproduzir sua história e a reafirmá-la progressivamente. Os sentidos que perpassam nessas histórias podem ser de encontros, desencontros, finalidade a que se propõe o grupo, entre inúmeros outros.

A instituição também pode disparar as mais diversas formações imaginárias nos grupos, como por exemplo, a idéia de “grupo maduro” e “grupo perfeito”. Lapassade (1989, p. 277) introduziu a discussão da dialética de grupos, na perspectiva

de inacabamento, que exclui as noções de maturidade ou imaturidade grupal: “o grupo, a organização será uma totalização em processo, que jamais é totalização realizada. A dialética dos grupos exclui a idéia da maturidade dos grupos”. Assim, a concepção de “grupo perfeito” permanece mais no plano da idealização do que, propriamente, da realidade, indicando que o trabalho em grupo é um constante devir, não havendo crescimento grupal, mas a aprendizagem com o alcance da tarefa. De acordo com Carlos (1998), o grupo é um constante navegar, um constante questionar a rota, um aprender a conviver com a insegurança e com a incerteza, em que o grupo pode se tornar sujeito do seu próprio processo.

Castoriadis (1982), ao refletir sobre a instituição imaginária da sociedade afirma que tudo que se apresenta no mundo social-histórico, está entrelaçado com o simbólico, ou seja, as pessoas, os grupos existem e são originados a partir do simbólico. Assim, faz-se imprescindível que o docente do ensino superior possa considerar em sua formação os saberes também referentes aos sistemas de sentidos e significação construídos pelos grupos os quais integra, como crenças, mitos, ritos e práticas sociais, sendo este um valioso conhecimento para melhor intervir e aprender em grupo.

SEM CONCLUIR...

É nesses sentidos que as formações docentes do professor no ensino superior na contemporaneidade precisam estar mais atentas, pois “a construção do imaginário grupal passa por essas experimentações em que as pessoas se implicam, tentando produzir nos outros algumas experiências. É um espaço/tempo de formação coletiva e autoformação singularizada em cada vida (...)”(OLIVEIRA, 2009, p. 189).

Assim, ao se refletir sobre a importância das formações imaginárias grupais para o trabalho docente, aciona-se outro saber, que é da ordem do sensível, acerca do seu papel como coordenador de pequenos grupos. Por isso, compreender o que dá sentido e o que os grupos acolhem e legitimam no processo relacional precisa ser mais estudado e melhor compreendido na atualidade. Nesse sentido, para Isaia e Bolzan

(200x, p. 3) “a construção do conhecimento pedagógico compartilhado pressupõe a constituição de uma rede de interações e mediações capaz de potencializar o processo de aprender a ser professor”.

Estabelece-se aí um complexo saber que merece mais atenção da ciência, no sentido de produzir conhecimento que possa oferecer pistas para desafios do trabalho docente na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

DEL CUETO, Ana Maria; FERNÁNDEZ, Ana Maria. El dispositivo grupal. In: PAVLOVSKY, Eduardo (Org.). **Lo grupal 2**. Buenos Aires: Busqueda, 1985.

CARLOS, Sérgio Antônio. O processo grupal. In: STREY, Marlene Neves et al. **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição e o imaginário: primeira abordagem. In: CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982. p. 139-200.

CIAMPONE, Maria Helena Trench. **Grupo operativo: construindo as bases para o ensino e a prática na enfermagem**. 1998. 184f. Tese (Livre Docência) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

GRANDO, Maristel Kasper; FERREIRA, Silvia Regina; DALL'AGNOL, Clarice Maria; OLSCHOWSKY, Agnes. El interjuego de papeles en el proceso enseñanza-aprendizaje a partir de la técnica de grupo operativo. **Revista Panamericana de Enfermería**, México (DF), v. 3, n.2, jul./dic., p. 146-52, 2005.

GRANDO, Maristel Kasper. **Reuniões de equipe na Estratégia Saúde da Família a partir do referencial pichoniano de grupo operativo**. 2007. 86f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ISAIA, S. M. A.; BOLZAN, D. P. V. **Aprendizagem docente no ensino superior: construções a partir de uma rede de interações e mediações**. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/gtforma/estagio1/fc67f0228a21b39b557cc692a3746a8c.pdf>. Acesso em: 30 ago 2010.

LAPASSADE, Georges. Dialética dos grupos, das organizações das instituições. In: LAPASSADE, Georges. **Grupos, Organizações e Instituições**. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.



I ENCONTRO OUVINDO COISAS: INSTITUINDO OUTRAS FORMAS DE ESTAR JUNTOS

23 e 24 de setembro de 2010
Universidade Federal de Santa Maria
ISBN: 978-85-61128-14-2

LUCCHESE, Roselma; BARROS, Sônia. Grupo operativo como estratégia pedagógica em um curso graduação em enfermagem: um continente para as vivências dos alunos quartanistas. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 66-74, 2002.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **O grupo como dispositivo na formação de professores**. 2007. 14f. Projeto de Pesquisa. Centro de Educação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Formação e grupo: indagações sobre questões ensíveis. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luís. **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras**. Brasília: Líber Livro, 2009. p. 175-92.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOUTO, Marta. Grupos y dispositivos de formación. Facultad de Filosofía y Letras. UBA. Novedades Educativas, 1999.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA COMO PERSPECTIVA DE SAÚDE

Sílvia Maria de Oliveira Pavão

(Professora, UFSM, silviamariapavao@gmail.com)

Janice Bittencourt Facco

(Acadêmica Educação Especial, UFSM, janicebittencourt@gmail.com)

INTRODUÇÃO

O ser humano constrói a sua saúde desde o seu nascimento, inicialmente modelados pelos cuidados emitidos pelas pessoas da família, e logo reproduzem e desenvolvem novas formas de cuidados nos préstimos delegados e nas trocas estabelecida com todas as demais pessoas que fazem parte de seu convívio social. As relações com as outras pessoas, o ingresso na escola, o conteúdo midiático, entre tantas outras experiências que vão se somando a trajetória vital de uma pessoa exercem forte influência nessa construção, beneficiando ou não as práticas de um comportamento saudável, pois é no viver coletivo que as pessoas se realizam, alcançam seus objetivos e projetos de vida.

Educar para a saúde coletiva torna-se assim uma necessidade, e essa educação não implica somente em conhecimentos ou cuidados relacionados à saúde individual, pois as práticas que estimulam a fragmentação do ser humano em áreas de conhecimento são entendidas como curativas, e não educativas. No entanto, sem formação continuada estas práticas não impulsionam mudanças geradoras de cuidado de si.

O conhecimento do que é educação e de como ela se expressa, é fundamental para o processo de educação em saúde, nesse processo estão presentes as formas de ensinar e aprender que se constituem como processo efetivo de troca de quem ensina e de quem aprende (PEREIRA et al., 2009). A educação em saúde procura modificar hábitos e atitudes que influenciam no bem-estar e saúde dos indivíduos, caracterizando-se principalmente em promover mudanças no comportamento.

Tais questões apresentadas acima remetem ao problema da investigação: na escola são favorecidos os conhecimentos e práticas das noções de cuidado com a saúde? Sendo que o objetivo do estudo consiste em relacionar as noções de educação para a saúde no cenário da educação inclusiva.

A educação para a saúde tem como meta a capacitação das pessoas para uma prática de autocuidado a vida. Por essa questão, esse trabalho se justifica, isto é, por ser a saúde parte e direito da vida humana. A reflexão sobre a temática no âmbito educacional favorece a abertura, amplitude e acesso às informações corretas e seguras especialmente para os professores e alunos no contexto escolar, conforme

sejam as suas necessidades. Além disso, proporciona superação de ansiedades, medos, preconceitos e contribuição na formação da sua identidade e cidadania. Ressalta-se que essa abordagem de atenção a saúde, é preconizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

Ainda, sobre isso, foi lançado pelo Governo Federal o Programa de Saúde nas Escolas, pelo decreto nº 6286 de 5 de dezembro de 2007, que institui o Programa Saúde na Escola - PSE (BRASIL, 2007). O decreto prevê ações combinadas nos setores da saúde e educação. As características dessa proposta, entre outras, incluem a interdisciplinaridade, que vem a corroborar com esse estudo, posto que objetiva em linhas gerais prestar a assistência à saúde dos alunos em contexto educativo, nas suas necessidades de saúde. Se saúde é um direito humano fundamental, ela deve ser considerada com igual e maior importância, como direito básico (PAVÃO et al., 2006).

METODOLOGIA

Estudo do tipo bibliográfico, que utilizou contribuições teóricas sobre o tema, advindos da educação especial, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, e outros. Enquanto método científico de investigação foi definido cada passo do trabalho a partir da delimitação do tema, problematização, levantamento e discussão dos achados bibliográficos que contemplassem o objetivo do estudo (LEOPARDI, 2001).

Discutindo educação e saúde

Educação e saúde são entendidas na sociedade como um direito. Entretanto ao transpor essas noções em sua complexidade teórica e prática a inclusão social e escolar, em especial a maneira como a pessoa com deficiência vivencia esses direitos, depara-se com fortes questões de cunho epistemológico, ideológico. Principalmente se for abordado o conceito de ser deficiente, diante do qual se comprehende as pessoas “[...] que, sob algum aspecto e contexto podem ser consideradas deficientes para a realização de algo” (PAVÃO, 2009, p.152). Esse conceito pode bem ser estendido a muitos ou todas as pessoas, pois dificilmente haverá plenitude na realização de tudo que se faça ou se deseje fazer.

Para melhor compreensão das possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano, entende-se que é a escola, enquanto ferramenta de socialização que transmite os conteúdos científicos formais e de cidadania. Conteúdos esses construídos na modalidade formal ou oculta, compreendendo o direito das pessoas a participar da sociedade de forma justa e igualitária. A saúde se insere nesse contexto de direitos por ser razão única de existência de todos os demais processos sociais, estar vivo é condição do ser humano para que todo o sistema a sua

volta se estruture e tenha razão de existir. O conceito de saúde é amplo e pode ser sintetizado como bem estar global da pessoa.

Dessa forma, as condições de saúde do ser humano perpassam todas as atividades vitais que ele está inserido, incluindo nesse contexto as questões psicológicas, Dejours (2001) destaca com propriedade que “a vida psíquica é, também, um patamar de integração do funcionamento dos diferentes órgãos. Sua desestruturação repercute sobre a saúde física e sobre a saúde mental” (p. 134).

É a escola, um espaço privilegiado para o diálogo entre as questões de saúde e educação (PAVÃO et al. , 2005). Esse conhecimento da função da escola, ou modos de trabalhar certos conceitos na escola, parecem não atingir as necessidades de aprendizagem no âmbito da comunidade escolar. Isso está relacionado principalmente à significativa incidência de problemas de saúde que acometem os alunos e a marginalização social provocada pela exclusão escolar de alunos com deficiência na escola. O papel do educador, na educação com abordagem inclusiva, seria o de direcionar ou auxiliar o aluno a identificar o que pode e deve ser compartilhado no grupo ou convívio social e o que deve ser mantido como atitudes de boa convivência que seguramente refletem sobre a saúde de todos, deve-se ter claro que se trata de um processo interdisciplinar, pois “[...] a inclusão é originada na dimensão humana, social e cultural, e possibilita formas de acolhimento das necessidades das pessoas. É necessário, para se alcançarem as metas de inclusão, acolher uma concepção renovada em relação ao diferente [...]” (PAVÃO, 2009, p.153).

É função da escola, representada pelos educadores que nela atuam, definir a abordagem interdisciplinar (PAVÃO et al., 2006), que pode ser mais adequada para a implementação de práticas educativas inclusivas que promovam saúde e qualidade de vida. “A dinâmica das questões relacionadas com a qualidade de vida envolve, desse modo, a gestão da performance dos sujeitos e das coletividades, os quais podem mudar pequenos hábitos diários que afetam a saúde (PAVÃO et al., 2005, p. 11). Nesse sentido a abordagem interdisciplinar pode colaborar no entendimento dos processos de inclusão escolar. Fazendo um resgate da história da educação especial e do deficiente, identificam-se os diferentes paradigmas educacionais vivenciados e praticados. Destaca-se do paradigma da segregação ao paradigma da inclusão (BRASIL, 2004). Atualmente discute-se a igualdade na educação, ou a educação para todos. Isso está de acordo com o que Belisário Filho (1999) apresentou ao salientar que a inclusão é um processo natural que emerge das práticas educativas de professores, alunos e pais. Aponta que a inclusão beneficia todas as pessoas, crianças ou jovens; independente do comprometimento (sensorial, motor, físico ou intelectual) que tiverem. A saúde deve estar a serviço da educação. O mesmo autor ressalta que rotular alguma síndrome ou

doença como retardo é muito perigoso, porque se fecham as portas, as possibilidades para essas crianças com necessidades educacionais especiais. Logo, é preciso que se abandonem os rótulos.

CONCLUSÃO

Ao se relacionar as noções de educação para a saúde no cenário da educação inclusiva, destacam-se alguns pontos que se tornam caminhos de análise e novos

conhecimentos, tais como: a noção de inclusão escolar não deve estar associada

unicamente ao acesso das pessoas com deficiência a escola, pois o ser humano é um

todo complexo que se realiza a partir de suas experiências vitais. Para isso ele precisa ter

CONCLUSÃO

Ao se relacionar as noções de educação para a saúde no cenário da educação inclusiva, destacam-se alguns pontos que se tornam caminhos de análise e novos conhecimentos, tais como: a noção de inclusão escolar não deve estar associada unicamente ao acesso das pessoas com deficiência a escola, pois o ser humano é um todo complexo que se realiza a partir de suas experiências vitais. Para isso ele precisa ter e manter sua saúde. Nesse sentido, ressaltam-se os conceitos de saúde aqui apresentados, ou seja, a saúde implica na totalidade do bem estar do ser humano no seu convívio com os demais.

Na escola, as pessoas buscam os conhecimentos científicos que poderão favorecer o bem estar pessoal e social, o acesso às informações corretas e seguras sobre as coisas do mundo, como também aprendem muitas coisas não explícitas nos currículos prescritos, por isso é um ambiente naturalmente fecundo as orientações essenciais sobre os cuidados com a saúde individual, coletiva e suas relações. Dessa forma, são os professores nesse contexto escolar, vistos como as pessoas que podem promover ações voltadas para a prática do autocuidado. Esse sentido atribuído ao ser humano como o cuidado de si, reflete-se no lugar que ele vive também como formas de multiplicação desses conceitos. O educador, com prática pedagógica interdisciplinar, ao se disponibilizar a realizar essa prática de atenção ao ser humano em sua integralidade, está também colocando em prática os princípios da educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais; Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.



I ENCONTRO OUVINDO COISAS: INSTITUINDO OUTRAS FORMAS DE ESTAR JUNTOS

23 e 24 de setembro de 2010
Universidade Federal de Santa Maria
ISBN: 978-85-61128-14-2

BRASIL. DECRETO Nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Programa Saúde na Escola – PSE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007 . Acesso em: 9 jul. 2008.

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. Inclusão: uma revolução na saúde. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

DEJOURS, Christophe. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana, à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho / Christophe Dejours, Elisabeth Abdoucheli, Christian Jayet, Maria Irene Stocco Betiol (coord.) São Paulo, SP: Atlas, 1994.

LEOPARDI, M. T. Metodologia da pesquisa na saúde. Santa Maria: Pallotti, 2001.

PAVÃO, S. M. O. et al. (org.) Saúde na escola: metodologia de abordagem interdisciplinar para a educação básica. Série saúde - v. 2. Santa Maria: UNIFRA, 2005.

_____. Saúde no contexto interdisciplinar: por uma relação dialógica com crianças adolescentes e adultos. Série saúde - v. 3. Santa Maria: UNIFRA, 2006.

_____. Aprendizagem e inclusão escolar. In: PEREIRA, A. D. et al. (orgs.). Interfaces da educação para a saúde na escola. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2009.

PEREIRA, A.D. A. et al. Escola: lugar de aprender a cuidar da saúde. In: PEREIRA, Adriana Dall'Asta (orgs.). Interfaces da educação para a saúde na escola. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2009.



PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ATRAVÉS DE PRÁTICAS EM GRUPOS SOCIAIS

Camila dos Santos Gonçalves
camilapsico@hotmail.com;

Vânia Fortes de Oliveira
vfoli@hotmail.com

Centro Universitário Franciscano

A formação acadêmica do futuro psicólogo deve buscar a conscientização dos estudantes diante das diversas problemáticas sociais. Isso se torna possível através da realização de práticas que o confrontem com a realidade dos diversos contextos institucionais. O presente trabalho configura-se como um relato de experiência baseado na construção de conhecimento das teorias e técnicas de intervenção em grupos em contextos institucionais e sociais. Esta atividade buscou proporcionar aos estudantes a aprendizagem e o crescimento enquanto futuros profissionais da psicologia diante das realidades sociais em diferentes contextos de atuação. A realização desta atividade foi possível através da experiência construída dentro do currículo do curso de graduação de Psicologia do Centro Universitário Franciscano, na cidade de Santa Maria – RS, durante o primeiro semestre do ano de 2008. As atividades constavam de supervisões de estágio de técnicas de intervenção em grupos. Os objetivos foram proporcionar a aprendizagem do planejamento e da realização de grupos em diferentes contextos sociais; Viabilizar a aproximação dos acadêmicos a diferentes realidades sociais; identificar as necessidades e demandas do público a ser trabalhado, Sensibilizar os acadêmicos para desenvolver o olhar crítico e a escuta clínica; capacitá-los para a construção e execução de intervenções junto a sociedade; como o estudante se coloca na posição de coordenador de grupos.. Para compreender os fenômenos de grupo foram utilizados como referencial teórico de grupo operativo segundo Pichon-Rivière. Portanto, entende-se a relevância desta prática dentro da formação do profissional de psicologia, nos sentido em que amplia os olhares diante das diferentes realidades



I ENCONTRO OUVINDO COISAS: INSTITUINDO OUTRAS FORMAS DE ESTAR JUNTOS

23 e 24 de setembro de 2010
Universidade Federal de Santa Maria
ISBN: 978-85-61128-14-2

sociais. Além disso, permite que os acadêmicos desenvolvam a capacidade de percepção e escuta das, tornando-os mais bem preparados para a atuação na sociedade e possibilitando que eles operem como atores sociais.



I ENCONTRO OUVINDO COISAS: INSTITUINDO OUTRAS FORMAS DE ESTAR JUNTOS

23 e 24 de setembro de 2010
Universidade Federal de Santa Maria
ISBN: 978-85-61128-14-2

TABUS ALIMENTARES EM COMUNIDADES DO MEIO RURAL DO MUNICÍPIO DE IJUÍ – RS

Débora Rost

Maristela Borin Busnello

O tema escolhido para o desenvolvimento deste estudo surgiu da curiosidade em saber sobre a existência ou permanência de tabus alimentares no município de Ijuí. Neste, existem diversas etnias e uma parte da população vive no meio rural, possivelmente com costumes e hábitos diferentes da população da área urbana. São poucas as pesquisas realizadas sobre o tema no Brasil. Os trabalhos realizados entretanto, mostram o quanto esses conceitos influenciam o hábito alimentar da população. Os mitos e tabus alimentares fazem parte da concepção de mundo dos povos. Autores como Mariante (1984, p.104), Crippa (1975), e Garine (1987) descreve que cada cultura tem seus mitos e tabus bem definidos, dessa forma, diferenciando uma população da outra. As diferenças vão da religião até os hábitos alimentares. De acordo com este mesmo autor, a cultura define as opções sobre o que é comestível e as proibições alimentares que, eventualmente, distinguem grupos humanos. Muitas vezes, os hábitos alimentares das diversas culturas existentes não asseguram a satisfação das necessidades nutricionais. De acordo com Ramalho e Saunders (2000), o hábito alimentar brasileiro é reflexo dos padrões sócio-culturais vindos pela imigração de diferentes grupos étnicos para o Brasil, causando diferenças em certas áreas ou regiões do país. Este mesmo autor relata que no Rio Grande do Sul a principal causa da adoção de tabus alimentares está na finalidade de evitar que, principalmente as crianças, alimentem-se fora da hora das refeições, para que não percam o apetite, agindo com o objetivo de conter desejos, fazendo o policiamento moral. De acordo com Trigo e col (1989), no momento em que as pessoas escolhem um alimento, pode-se identificar o comprometimento que têm com padrões culturais (costumes regionais, tradições familiares, crenças, hábitos e tabus), capazes até de impedir que alimentos existentes em abundância sejam consumidos. Estes conceitos podem fazer as pessoas

diminuírem a ingestão de alguns alimentos como frutas e leite, por pensarem que vão passar mal ou até mesmo morrer, como é o exemplo de um estudo realizado na região norte do Brasil, por esta mesma autora, onde os motivos para justificar os tabus alimentares foram: "faz mal, mata, congestão e vômito". Frente a abordagem apresentada e as inquietações do estudo foram identificar a presença e tipos de tabus alimentares em comunidades do interior do município de Ijuí. O estudo é do tipo qualitativo, exploratório e descritivo e teve como base vinte e quatro localidades participantes do Projeto Vida Rural. Foram entrevistadas ao total 15 mulheres entre 26 e 74 anos de idade. Pudemos observar que as entrevistadas residem há muito tempo nas localidades visitadas, algumas desde o nascimento. A maioria das entrevistadas é membro de um grupo familiar pequeno, sendo este composto por duas pessoas: na maior parte das vezes, o casal. A escolaridade dessas mulheres é baixa, 2/3 delas cursaram apenas o ensino fundamental incompleto. Somente uma concluiu o ensino médio. Isto poderia ser considerado um fator para a permanência dos tabus, mas ao analisar as entrevistas, percebe-se que mesmo as mulheres com maior nível escolar (ensino fundamental completo) permanecem acreditando neles e passando-os para seus filhos. Observou-se entre a maioria das mulheres entrevistadas o relato de proibições alimentares. Foram observados os seguintes tabus com relação a combinações de alimentos: melancia com leite; peixe com leite; melancia com uva; uva com leite; pepino com leite; pêssego com leite; pêssego com figo; pêra com leite; figo com leite; laranja com leite; melancia com cerveja ou vinho; pepino com nata; manga com leite; carne de porco quente e água fria; galinhada bem quente e cerveja gelada. Considerando o conteúdo das falas registradas nas entrevistas com as participantes da pesquisa, as mesmas foram classificadas em duas temáticas de análise e agrupadas de acordo com a similaridade dos dados obtidos no estudo. Na Categoría 1- **Tabus ainda existem:** encontraram-se referências de tabus sobreviventes das gerações passadas e encaradas como verdades absolutas ainda nos dias de hoje, mesmo quando se tem acesso facilitado à informação no meio rural. Analisando as entrevistas percebe-se que são fortes os tabus relacionados às frutas entre si e com o leite. Sendo relatado ser expressamente proibida sua ingestão por causar congestão e fazer muito mal. Outros

alimentos citados foram o peixe e o pepino, ambos também relacionados com leite e seus derivados. Nossa estudo trouxe muitos relatos semelhantes aos descritos no estudo de Trigo e col (1989) sendo o “fazer mal” talvez um dos fatores para permanência dos tabus. Essas falas indicam o surgimento de tabus relativos a alguns alimentos. Os tabus alimentares encontrados nas entrevistas foram todos relatados como sendo atitudes de antigamente, ou seja, hábitos antigos passados por avós, pais, tios. Essas práticas são seguidas em todas as faixas etárias, o que demonstra que os tabus ainda existem e vão continuar existindo. Como visto anteriormente, os hábitos alimentares formados culturalmente no meio familiar permanecem e constituem algo que vai além da informação transmitida hoje. Garine (1987) explica essa questão afirmando que “ao comer o homem se exterioriza, exerce de certo modo sua posição numa sociedade particular”. Então por mais que existam informações em relação aos mitos, não há como “apagar” a prática aprendida como correta na sociedade a que o indivíduo pertence. Muitos não querem perder sua identidade cultural e aceitar as mudanças ocorridas pelo desenvolvimento. Na Categoría 2 – **Permanência ou não dos tabus frente à informação identificou-se que o** seguimento ou não de proibições alimentares está relacionado com a informação disponível, com as mudanças das práticas alimentares no cotidiano. As falas descrevem mudanças que ocorreram no cotidiano das entrevistadas em relação aos tabus que eram seguidos antigamente e hoje não mais são observados. Observa-se nas entrevistas que a informação sobre alimentação saudável e desmistificação de práticas alimentares tem ocorrido entre esta população. Diferentes atividades de educação para saúde foram desenvolvidas por instituições como Cooperativa Regional Tritícola Serrana (Cotrijuí), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) e Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER/RS, durante vários anos. Mais recentemente, destacam-se as atividades desenvolvidas por uma iniciativa de trabalho intersetorial denominado Projeto Vida Rural. A propósito de considerações finais compreendemos que a observação de tabus entre o grupo estudado inclusive, entre as mulheres mais jovens exercem influência sobre a alimentação de algumas famílias do meio rural. Provavelmente esta prática

permanece também no meio urbano, já que muitas famílias se mudam para a cidade levando seus hábitos alimentares e culturais, porém tendo de se adaptar ao modo de viver citadino. Portanto, podemos dizer que em meio a todas as informações existentes nos dias de hoje, ainda assim os hábitos alimentares formados há muito tempo entre as gerações passadas estão presentes e exercem de alguma forma influência na alimentação da população. Já que a idade não é fator para a prática dos tabus e sim os fatores culturais e familiares, pode-se dizer que eles permanecerão por algum tempo ainda, e talvez não deixem de existir. Torna-se, diante disso, necessária a ampliação da educação nutricional para que hábitos incorretos não venham a prejudicar a ingestão de alimentos importantes para o desenvolvimento e manutenção do organismo tendo, portanto, uma alimentação equilibrada. Levando em consideração esses aspectos, destaca-se a necessidade de que nutricionistas e profissionais que atuam nas ações de educação em saúde e especificamente na educação alimentar com populações como a do estudo contextualizem suas práticas, alcançando de forma mais eficaz seus objetivos.

REFERÊNCIAS

- CRIPPA, Adolfo. **Mito e cultura**. São Paulo: Convívio, 1975.
- GARINE, Igor de. Alimentação, culturas e sociedades. **Correio da Unesco**, v.15, n.7, jul. 1987.
- MARIANTE, Hélio Moro. **Medicina campeira e povoeira**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.
- MEZOMO, Iracema Fernandes de Barros. **O serviço de nutrição: administração e organização**. São Paulo: Ed. CEDAS, 1983.
- RAMALHO, Rejane Andréa; SAUNDERS, Cláudia. O papel da educação nutricional no combate às carências nutricionais. **Revista de Nutrição** v.13 n.1, Campinas, jan/abr.2000.



I ENCONTRO OUVINDO COISAS: INSTITUINDO OUTRAS FORMAS DE ESTAR JUNTOS

23 e 24 de setembro de 2010
Universidade Federal de Santa Maria
ISBN: 978-85-61128-14-2

TRIGO, Marlene; *et al.* Tabus alimentares em região norte do Brasil. **Revista de Saúde Pública**. v.23 n.6, São Paulo, dez.1989.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1995.